

## O BARROCO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA

*José Sávio Theodoro de Oliveira\**

### **RESUMO:**

Este breve ensaio pretende, através de algumas considerações sobre as semelhanças entre a estrutura psíquica e a estrutura barroca, demonstrar como esta representação estética pode nos servir como ferramenta metodológica para facilitar o entendimento e a transmissão de determinados conceitos fundamentais da psicanálise.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Barroco. Estrutura Psíquica. Cultura.

\* É psicanalista e reside em São João del-Rey. Contato: [savio.theodoro@hotmail.com](mailto:savio.theodoro@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Em conversa com a psicanalista Denise Maurano Mello, quando realizávamos o Iº Colóquio: Psicanálise, Arte e Barroco em São João Del Rei, a mesma me falava de seu envolvimento com o Barroco e da possibilidade do mesmo nos servir como “ferramenta metodológica” no auxílio da transmissão da psicanálise, fiquei pensando sobre esta frase e em cada leitura que fazia sobre o tema me convencia mais daquela sua premissa ou observação.

No encontro com o barroco tudo é de uma estranheza tão familiar. Nas suas antinomias, nos movimentos pulsionais, nas antíteses, no êxtase e na dor, ou *no êxtase pela dor?* Como fica fácil nos reconhecermos. A dor como oferenda nossa de cada dia regida pela nossa porção obsessiva, buscando o gozo como alívio, pois, nós não nos perdoamos pelas nossas ofensas e precisamos que um “*Outro*” nos perdoe. Nosso pecado é original e está inscrito desde sempre no “*DNA*” do nosso psiquismo.

Esta alienação presente na estrutura neurótica é muita bem representada na expressão estética barroca. Acredito que nós enquanto psicanalistas podemos dela nos servir como ferramenta na transmissão da psicanálise, principalmente para aqueles não familiarizados com os termos ou como alguns costumam nomear de: “o *psicanalês ou Lacanês*”. Isto é o que me instiga neste breve ensaio, a levantar algumas aproximações e buscar possíveis interlocuções entre a ética da psicanálise e a função do analista, principalmente na transmissão da psicanálise através de interlocuções com outros campos do saber.

## 2 EXPRESSÕES ESTÉTICAS DO BARROCO E A ESTRUTURA DE UMA ÉTICA DA PSICANÁLISE

A arte barroca nasceu no início do século XVII na Itália, e estendeu-se por toda a Europa e América Latina, onde se desenvolveu durante o século XVIII e início do XIX. Com o crescente alastramento do protestantismo, a Igreja Católica promove o movimento da Contra-Reforma, utilizando o barroco como principal instrumento de afirmação e persuasão da fé cristã. As novas descobertas, impulsionadas pelas grandes navegações realizadas por Portugal e Espanha, possibilitaram a forte atuação dos contra-reformistas, especialmente das missões catequéticas dos jesuítas, que se dirigiam às novas terras para o trabalho de doutrinação.

Todos estes fatos rompem com a segurança dos indivíduos. A burguesia se fortalece, enquanto a nobreza se sente ameaçada. Há um grande desassossego no ar. O Barroco procura então, solucionar os dilemas de um homem que perdeu sua confiança ilimitada na razão e na harmonia, através da volta a uma intensa religiosidade medieval e da eliminação dos conceitos renascentistas de vida e arte. Por exemplo, se na beleza de uma *Vênus de Milo* se privilegia a simetria elidindo os excessos, a beleza de uma obra barroca é marcada por uma outra concepção de belo.

O belo é marcado pelo dinamismo da vida, suas imperfeições, valorizando a força da expressão, instigando e afetando o sentimento de quem observa. Na arte barroca os opostos estão juntos: sagrado/profano, sofrimento/alegria, razão/emoção, sensualidade/espiritualidade, bem/mal, luz/sombra, vida/morte.

Em suas origens, espanhola, "Barroco" esteve associado a uma pérola disforme e irregular, evidenciando a idéia de exagero, mau gosto e falta de lógica em relação ao estilo clássico do Renascimento. (site barroco missionário, 2007)

A época do barroco, entre o absolutismo e o iluminismo é reconhecida como sendo o último estilo integralmente europeu.

Considerada durante muito tempo como uma excrescência excêntrica do Renascimento, o barroco proporciona uma complexa e dinâmica diversidade de formas e expressões em contraste com a moderação controlada do Renascimento (Herman, 2007, p. 06).

A exuberância de formas e a dramaticidade são suas características principais. O Barroco recuperou o gosto pelo pictórico, pela movimentação das formas e pelo jogo incessante de planos, revelando a dualidade intrínseca do homem da época ligada aos ideais humanistas, mas preso à realidade do Absolutismo e da Contra-Reforma. Mais do que um estilo artístico expressou um modo de ser. Paradoxalmente, apelava para os sentidos e as paixões humanas e servia aos propósitos da doutrinação religiosa da Igreja Católica.

A psicanálise serve para percebermos a vida e o mundo pela lente da beleza do que se movimenta, do que não fica quieto, tendo como referência o conceito fundamental da psicanálise, *o inconsciente*, heterogêneo e paradoxal, onde a contradição está presente em nossa psique. Por exemplo, nos sonhos, podemos aparecer como crianças e velhos, como pobres e ricos, como gloriosos e decadentes, sem que uma coisa anule outra (Freud, 1900, p.492). Segundo o autor o *Inconsciente* não está submetido às leis da racionalidade consciente, que, exige clareza, coerência, ausência de contradição. O mesmo está submetido a uma outra lógica: a lógica do paradoxo. A psicanálise veio tratar desse sujeito que não se reduz a uma perspectiva ideal, tanto é assim que, volta e meia se defronta com seus conflitos, suas divisões, suas perdas e angustias e por aí fora.

Lacan (1985) em seu seminário, mais ainda, no Capítulo IX, propõe uma definição do barroco que vem em nosso auxílio: "*O barroco é a regulação da alma pela escopia corporal*" (Lacan, 1972-73/1985 p. 158). A escopia corporal de acordo com sua

definição é aquilo que aparece, que se faz visível através da encenação da obra, enfim, da arte, é o que vai regular a alma, isto é, determinar a subjetividade barroca, seu ser. Não há oposição entre aparecer e ser.

### 3 ESTRUTURA DO PSIQUISMO E ESTRUTURA BARROCA

Os pilares da construção daquilo que Freud chamou de pulsão de morte já se encontram desde 1915 em “O Inconsciente”, (Freud, 1915b, p.207). O mesmo postula as montagens pulsionais do desejo como constitutivas dos fundamentos do sistema psíquico inconsciente. Não há contradições entre forças opostas, não existe o “ou” e sim o “isso e o aquilo”. Sem busca de conciliação ou questionamento, esta, aparecerá em outra instância, na consciência.

A psicanálise não trabalha com uma visão ideal de sujeito, nem de uma idealização do mundo. Denise Maurano<sup>1</sup> em *a Presença do Barroco na Invenção da Psicanálise* comenta que é preciso assim, primeiramente, precisar que a questão do barroco não deve ser apenas referida como um estilo no campo das artes, mas, fundamentalmente como uma estrutura que corresponde a um modo de orientação do psiquismo. Uma estrutura que se assemelha à estrutura psíquica proposta por Freud.

Será que podemos considerar que a composição da gênese e estrutura tanto do barroco como da psicanálise se assemelham? Então se quiséssemos identificar a psicanálise a uma representação estética, poderíamos dizer que esta seria a barroca? Acredito que estas interlocuções, podem nos conduzir a possíveis entendimentos sobre a difícil questão da subjetividade e suas implicações no campo da ética. Não das éticas psicológicas e filosóficas, mas da ética do desejo que é a ética da psicanálise e a qual nos podem servir de porta-estandarte da “*revolta*” e instrumento de contraste a estas correntes adaptacionistas.

O estudo do Barroco tem me proporcionado ver nesta expressão estética artística uma melhor compreensão de alguns conceitos fundamentais da psicanálise, e também pilares para a sustentação da ética a que a mesma se propõe. Sabemos que o inconsciente

---

<sup>1</sup> Conferência proferida no colóquio Freud e Viena –Instituto Francês de Viena em Junho de 2003.

aparece na falta de sentido da existência e que Freud não o inventou, apenas o descobrindo na escuta e análise dos sonhos, a ponto de dizer que aquela era *a via régia* para se deparar com sua manifestação (Freud 1900, p.103). Através da expressão plástica barroca, podemos visualizar a convivência dos contrastes, dos paradoxos, do corpo como depositário do belo, do prazer e do gozo, como também do sofrimento.

#### 4 ÉTICA DA PSICANÁLISE, ARTE E SUBLIMAÇÃO

Propor um diálogo entre estes termos não é tarefa fácil, procurarei apenas, através de breves considerações, discorrer um pouco sobre a modalidade de satisfação alcançada na produção artística e o conceito de sublimação.

A sublimação é um processo postulado por Freud para explicar as atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente as atividades artísticas e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não-sexual ou em que visa objetos socialmente valorizados. (Laplanche&Pontalis, 1985, p.638)

Lacan (1987), no *Seminário - livro 7*, no capítulo dedicado ao problema da sublimação, observa que se deve ter em mente que, ao relacionarmos a libido objetal à sublimação, o que vemos emergir é o problema da relação com o objeto: o objeto emerge numa relação narcísica, numa relação imaginária. “Nesse nível o objeto é introduzido na medida em que ele é perpetuamente intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem” (Lacan, 1988, p.124) Temos então juntas, constituição narcísica e sublimação, a construção do objeto já se torna uma espécie de sublimação, como também a própria invenção do amor, pois, segundo o autor o amor que introduz o objeto se apresenta

como uma invenção narcísica. A introdução do objeto se faz por amor, por uma manobra sublimatória.

Em O *Seminário livro 7*, Lacan (1985.p.141) discute a ética implicada na sublimação; retomando a noção freudiana de *das Ding*. Além do mais, a crítica que o mesmo faz a Freud está relacionada ao fato de Freud se ater ao campo das pulsões sexuais para explicar a sublimação. Para Lacan o problema da sublimação se situa na diferença entre esse objeto que é estruturado pela relação narcísica e *das Ding*. Na sublimação, o objeto é elevado à dignidade da *Coisa*, porém o objeto é inseparável de elaborações imaginárias e culturais. E como nos lembra Maurano “a cultura sempre deu ênfase à relação do homem ao pai” (Maurano, 2001, p.116) Entramos aí no campo da ética do desejo. Campo dos paradoxos, confirmando assim, que só no reino do que é sexuado se pode falar de vida e morte.

(...) O homem, exilado no campo da linguagem, paga com a inconsistência do seu ser o preço da sua liberdade. Subverte o que seria o campo da necessidade: come demais ou de menos, não faz sexo por instinto, introduz aí o amor, erotismo e, aliás, atrapalha-se todo com isto (...) perde o que de fato nunca teve em si mesmo, Ou seja, a justa medida da ação correta. (Maurano, 2001, p.116)

Se Freud ateu-se às pulsões sexuais, para explicar a sublimação, Lacan, nos remete à pulsão de morte. A função da sublimação para Lacan apresenta uma diferença radical no tratamento dado à *Coisa*. Nesta um *objeto* pode preencher esta função que lhe permite não evitar a *Coisa* como significante, mas representá-la na medida em que este objeto é criado (Lacan, 1992.p.151). Abre-se aí um campo para a invenção ou para a criação, inventar a partir do amor. Ou como o mesmo costumava dizer “*amar é dar o que não se tem*”. A morte buscando vida, pedindo socorro ao imaginário e ao simbólico, re-inventando coisas; não é assim que se costuma dizer quando uma criança está muito quieta longe dos olhares dos pais? “*aposto que está aprontando, fazendo arte...!*” é o campo da criatividade. Inventa-se algo. E assim vamos nós agarrando aqui, abandonando ou sendo abandonado ali: Investe-se

no objeto, abandona-se o objeto, substitui-se o objeto. E no final das contas o objeto é o mesmo que se perdeu para todo o sempre, amém! Lacan para ressaltar a função artística, toma como exemplo, o oleiro em seu ato de criação. Diz-nos que ao constituir seu vaso, cria ao final justamente o vazio e introduz a perspectiva de preenchê-lo.

Se vocês considerarem o vaso na perspectiva que inicialmente promovi, como um objeto feito para representar o vazio no centro do real que se chama Coisa, esse vazio, tal como se apresenta na representação, apresenta-se efetivamente como um *nihil*, como nada. E é por isso que o oleiro, assim como para vocês a quem eu falo, cria o vaso em torno desse vazio com sua mão, o cria assim como o criador mítico, ex nihilo, a partir do furo (Lacan, 1985.p153)

Lacan destaca ainda os três termos da sublimação já apontada anteriormente por Freud em *Mal-Estar na Civilização* (Freud, 1927-30, p. 92): a arte, a religião e a ciência. Em todos eles o vazio se torna determinante, ou seja, a arte seria um modo de organização do vazio, a religião evita este vazio, a ciência rejeita a presença deste vazio com o ideal do saber absoluto. “Numa obra de arte trata-se de *cingir a Coisa*” (Lacan, 1985.p.175) cingir aí tem o sentido de cercá-la, tornando-a presente e remarcando sua ausência. (Não é por acaso que as crianças gostam tanto do jogo de esconde-esconde!)

Na estética barroca isto se faz presente, por exemplo, no quadro de Hans Holbein, os Embaixadores (de 1533) Jacques Lacan vê e comenta no livro XI do seu Seminário os *Quatro conceitos fundamentais da psicanálise*,

Ali, o que parece uma mancha, enigma ou erro na tela, objeto singular flutuando no primeiro plano, que nos pega na sua armadilha, representa a “vanitas”, a vaidade, em um ambiente com dois personagens cercados de objetos que figuram na pintura da época visando tanto a ciência quanto as artes do século XVI. O segredo do quadro, que está no deformado, só é percebido quando nos afastamos para trás e para a esquerda e o vemos: “nosso próprio nada, na figura de um crânio de caveira, o símbolo da morte, o *memento* que é, segundo Jacques Lacan, a encarnação imajada do menos fi (- phi) da castração: “Holbein nos torna aqui visível algo que aqui não é outra coisa senão o sujeito como nadificado – nadificado numa forma que é falando propriamente, a encarnação do – phi da castração, a qual centra para nós toda a organização dos desejos através do quadro das pulsões fundamentais (Lacan, 1998a, p. 87 -.88).



## 5 ÉTICA DA PSICANÁLISE, VIDA CONTEMPORÂNEA E OBJETOS DE CONSUMO

A vida contemporânea vem sendo um grande jogo, onde o imperativo é ganhar ou ganhar! Lembram-se da brincadeira do “*seu mestre mandou!*” é uma brincadeira onde em um grupo de crianças todos têm que cumprir as ordens de um líder. Nos esportes, por exemplo, para o brasileiro, ser vice é uma tragédia. No campo da economia observamos a apologia à produtividade com racionalidade para se obter maior lucratividade. Tem-se que crescer economicamente a qualquer preço, pois, só assim, é possível melhorar a situação de quem está na parte de baixo da pirâmide. Este é o discurso. “*Dividir melhor o que já se tem, nem pensar!*” Segundo os últimos dados estatísticos econômicos mais de oitenta por cento de toda a riqueza do mundo está nas mãos das grandes corporações. E são as mesmas que estão elegendando os novos governos através do controle dos partidos. A escolha dos governantes pela sociedade já vem comprometida, nos restando apenas a ilusão de que temos liberdade de escolha. Este já é um fenômeno globalizado. O poder econômico se sobrepõe aos demais provocando sintomas sociais, os quais têm sido chamados de transtornos psicossociais.

Outro exemplo é a discussão atual sobre a derrubada das florestas tropicais e a disparada do aquecimento global. Conseqüência ou um efeito provocado pela inversão ética do sistema capitalista? Derrubamos, escavamos e perturbamos o equilíbrio do eco sistema do planeta, mas em troca recebemos o belo estampado nas embalagens e nas peças publicitárias, cada vez mais *agalmatados* pelos especialistas do setor. Compre o carro “X” e leve a reboque a felicidade incorporada, visualizada no corpo perfeito da mulher modelo. Não se esqueçam que o preço que se paga está dividido em meses (eles não falam em anos que é para não assustar! Ou que a satisfação é imediata e não em longo prazo!).

Estamos vivendo numa época em que a mercadoria que dá mais dinheiro é a venda do próprio dinheiro, e conseqüentemente as instituições financeiras às que mais faturam. Os juro: “*mais além para a conquista de um bem!*” Um bem que vem tamponar um bem que não se tem a não ser por um determinado tempo, pois, o desejo é fugaz e efêmero. Porém, para além desta circulação dos bens no domínio desta economia, um campo central é aberto, é o campo de *das Ding* (Maurano, 1995, p.147) ao qual tende o desejo radical da destruição absoluta citando Lacan: da destruição para além da putrefação, apodrecimento, como que fundado em um instinto de morte ainda para além da pulsão de morte (Lacan, 1985, p. 265).

Aí, além do circuito dos bens que tentam funcionar como uma barreira contra o vazio situa-se um obstáculo mais efetivo que Lacan identifica como um fenômeno estético propriamente dito, a experiência do belo, o belo em seu brilho resplandecente, esse belo do qual disseram ser o esplendor da verdade. É evidentemente por o verdadeiro não ser muito bonito de ser visto que o belo é, se não seu esplendor, a sua cobertura. (Maurano, 1995, p.147)

## 6 CONCLUSÃO

A psicanálise está aí e pode manter interlocuções com outros campos, interrogando e provocando torções no campo da ética, principalmente no que tange ao discurso capitalista. A ética da psicanálise pode nos servir para fazer contraste e esta foi, acredito eu, a sua maior função, interrogar! Para mim um dos maiores legados de Freud foi a formulação de uma teoria sobre o *Inconsciente* promovendo assim o descentramento focado na racionalidade do *eu*, e o maior legado de Lacan foi elaborar, a partir do conceito freudiano de *pulsão de morte*, o conceito de *gozo*. A Pulsão de vida não se sustenta sozinha sem a pulsão de morte, *sem o gozo a mais!* Como nos lembra Freud, não há recalque perfeito, sempre irá existir um resto e ele se fará presente também na sublimação. A mesma não estaria

fora do campo do sexual. O estudo da estética barroca nos possibilita termos em mãos uma ferramenta metodológica, que pode nos auxiliar tanto na transmissão da psicanálise, como também, na interlocução com outros campos epistemológicos. Não foi minha intenção neste ensaio me estender mais nestas discussões ou questionamentos teóricos, mas acredito que, o avanço nas pesquisas referentes ao tema possa nos trazer boas contribuições.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Herman & Prater Andréas. *Barroco*. Lisboa, Portugal: Ed. Taschen, 2007.

FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago, 1974.

(1900). *Interpretação de Sonhos*, vol. II

(1915b) *O Inconsciente* vol XIV

(1920) *Além do Princípio de Prazer* vol. XVIII

(1927-1930) *O Futuro de uma Ilusão e O Mal-Estar na Civilização*. Vol. XXI

FLEIG, Mário, BELTRÃO, Conceição. *Barroco Missioneiro: traços que inventam o Brasil*. Editeurs Freud-Lacan 2006.

LACAN, J. “O problema da sublimação”. In *O Seminário – Livro 07: a ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988a.

*O seminário - livro 08: a transferência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985a.

*O Seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988b.

*O Seminário - livro 17: O avesso da Psicanálise*. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 1992

(1972/1973) *O Seminário - livro 20: mais, ainda*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1985b.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a Filosofia*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1987

LAPLANCHE, J & PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 7ª edição. 1988.

MAURANO, Denise. *Nau do desejo: o percurso da ética de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumara. 1994.

\_\_\_\_\_. *A Face Oculta do Amor..* Rio de Janeiro: Ed.Imago &Ed. UFJF, 2001.

MILNER, Jean-Claude. *A Obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed.Jorge Zahar, 1996.

Barroco missioneiro - traços que inventam o Brasil. *Disponível em URL: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/barroco/indice.htm>*. [acessado em 20 de maio 2007].

## THE BAROQUE AS METHODOLOGIC TOOL

### ABSTRACT:

This brief test intends, through some considerations about the similarities between the psychic structure and baroque structure, demonstrate how this aesthetic baroque representation can serve us as methodology tool to facilitate the understanding and the transmission of certain fundamental concepts of psychoanalysis.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Baroque. Structure Psychique. Culture.

## LE BAROQUE COMME OUTIL MÉTHODOLOGIQUE

### RÉSUMÉ:

Ce bref essai prétend, à travers quelques considérations sur les similitudes entre la structure psychique et la structure baroque, démontrer comme cette représentation esthétique peut nous aider comme un outil méthodologique pour faciliter la compréhension et la transmission de certains concepts fondamentaux de la psychanalyse.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Baroque. Structure Psychique. Culture.

Recebido em 20/02/2008

Aprovado em 10/05/2008

© 2008 *Psicanálise & Barroco em revista*  
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura  
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH – UFJF  
Juiz de Fora, MG – Brasil.  
Tel.: (32)2102 3117

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)      [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)